



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CEILÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

JOYCE DA SILVA NASCIMENTO

**VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E A RUPTURA DE SEUS
PAPÉIS OCUPACIONAIS**

Brasília - DF
2018



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CEILÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

JOYCE DA SILVA NASCIMENTO

**VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E A RUPTURA DE SEUS
PAPÉIS OCUPACIONAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Brasília – Faculdade de Ceilândia
como requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Terapia Ocupacional

Professora Orientadora: Dra. Ioneide de Oliveira
Campos

Brasília - DF
2018

JOYCE DA SILVA NASCIMENTO

**VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E A RUPTURA DE SEUS
PAPÉIS OCUPACIONAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Brasília - Faculdade de Ceilândia
como requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Terapia Ocupacional.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Ioneide de Oliveira Campos
Orientadora

Prof. Dra. Josenaide Engracia dos Santos
Avaliadora

Faculdade de Ceilândia – Universidade de Brasília

Aprovado em:

Brasília,.....de.....de.....

FICHA CATALOGRÁFICA

NASCIMENTO, Joyce da Silva.

Violência contra a mulher e a ruptura de seus papéis ocupacionais / Joyce da Silva Nascimento; Orientação da Prof^a. Dr^a. Ioneide de Oliveira Campos, Brasília - DF, Universidade de Brasília (X pág.).

Palavras chave: Violência contra a mulher; Papéis Ocupacionais; Ruptura; Terapia Ocupacional.

Monografia - Universidade de Brasília - UnB/Faculdade de Ceilândia, 2018.

I. NASCIMENTO, J.S. II. Violência contra a mulher e a ruptura de seus papéis ocupacionais.

Cessão de Direitos

Nome da autora: Joyce da Silva Nascimento

Título do Trabalho de Conclusão de Curso: Violência contra a mulher e a ruptura de seus papéis ocupacionais.

Ano: 2018

Documento formal, concedendo à Universidade de Brasília a permissão para reprodução de cópias desta monografia e para empréstimos ou comercialização, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos. A autora reserva para si outros direitos de publicação e nenhuma parte desta monografia pode ser reproduzida sem a autorização por escrito da autora.

Joyce da Silva Nascimento

e-mail: joycedasnascimento@gmail.com

A minha mãe, que como mãe solista conseguiu criar suas filhas com muito dedicação e honra. E como a maioria de nós mulheres sofreu violência de gênero durante boa parte de sua trajetória cotidiana e ainda assim empoderou-se de seus direitos como mulher para poder seguir em frente.

AGRADECIMENTOS

A conclusão desta graduação, que para mim foi um grande desafio e só foi possível a partir de pessoas de bom coração que me acolheram nesta cidade como se eu fosse da família. Portanto agradeço:

À minha família, principalmente minha mãe Marlene e minha irmã Júlia que são a razão da minha busca por conhecimento e aprendizado. Aos meus irmãos Marrone e Harlen, que sempre estiveram dispostos a me ajudar como podiam nessa jornada e minha tia Rosemary Cabral, que sempre me incentivou a ir atrás de conhecimento.

À família que me acolheu no momento em que eu mais precisei e foram essenciais para chegar onde eu cheguei hoje, a minha amiga Érica Meneses e sua mãe Celeste.

Aos meus amigos que foram como Pilar de fortalecimento nesse ambiente adocedor que é a Universidade, Ana Mizue Tominaga, Aline Nogueira, Andressa Tavares, Carlos Henrique, Danyelle Martins, Gabriela Melo, Gabriela Vieira, Gabriele Meneses, Maria Gabriela, Maria Luísa, Pâmella e Uguiarlem Durães. E em especial à minha namorada e companheira Mariana Diniz e sua mãe Maria de Lourdes, pelo apoio e paciência durante este período de graduação.

As docentes e docentes temporárias da Universidade de Brasília, Ana Cristina Alvez, Flávia Mazitelli, Josenaide Engracia, Mirian Senghi e Rosana Castro, e a minha orientadora Ioneide Campos, que foram inspiradoras no âmbito acadêmico e de vida.

E por fim, agradeço á todas as mulheres que mesmo em pós vida se tornaram resistência e empoderamento nesse mundo machista em que vivemos.

“Ao perder o medo do feminismo negro, as pessoas privilegiadas perceberão que nossa luta é essencial e urgente, pois enquanto nós, mulheres negras, seguirmos sendo alvo de constantes ataques, a humanidade toda corre perigo.”

Djamila Ribeiro

RESUMO

Atualmente, vive-se a constatação de que as mulheres são vítimas de atos nocivos à sua integralidade apenas por pertencerem ao gênero feminino. O poder do agressor sobre a mulher apresenta um impacto na sua saúde mental, especialmente em questões relacionadas as interseccionalidades vivenciadas pela mulher, tais como seus papéis ocupacionais - que são papéis impostos a um sujeito de acordo com seu contexto social - como para a mulher, a maternidade, vida conjugal e trabalho. Desse modo, o presente trabalho teve como objetivo conhecer a relação entre a violência e a quebra dos papéis ocupacionais de uma usuária de um CAPS, ao longo de sua vida. A partir de uma abordagem metodológica qualitativa de Estudo de Caso, com entrevista semi-estruturada com a usuária. Os resultados deste estudo demonstraram que a expropriação dos papéis ocupacionais Materno, Conjugal e de Vida Laboral foram atenuantes na trajetória de vida da usuária, bem como o sofrimento psíquico advindo destas violências, sendo então o CAPS um importante serviço de acolhimento para a mesma, e o Terapeuta Ocupacional tem como papel intervir junto a essas pessoas em situação de vulnerabilidades sociais, seja pelo acolhimento, na (re)organização de seu cotidiano, na ressignificação de seus papéis ocupacionais, na coordenação de grupos, dentre outros meios de intervenção.

Palavras chave: Violência contra a mulher. Papéis Ocupacionais. Ruptura. Terapia Ocupacional.

ABSTRACT

Nowadays, one can observe the fact that women are victims of acts that are harmful to their entirety just because they belong to the female gender. The power of the aggressor over a woman has an impact on his mental health, especially on issues related to the intersections experienced by women, such as their occupational roles - which are roles imposed on a subject according to their social context - as for the woman, motherhood, marital life and work. Thus, the present study aimed to know the relationship between violence and the breakdown of the occupational roles of a CAPS user, throughout her life. From a qualitative methodological approach of Case Study, with semi-structured interview with the user. The results of this study demonstrated that the expropriation of the Maternal, Conjugal and Work Life occupational roles were attenuating the user's life trajectory, as well as the psychic suffering from these violence, and CAPS was an important reception service for the same. the Occupational Therapist has the role of intervening with these people in situations of social vulnerability, either by welcoming them, in the (re) organization of their daily life, in the re-signification of their occupational roles, in the coordination of groups, among other means of intervention.

Keywords: Violence against women. Occupational Roles. Break. Occupational Therapy.

SUMÁRIO

RESUMO

1. INTRODUÇÃO	10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
3. OBJETIVOS.....	13
3.1 Objetivo geral.....	13
3.2 Objetivos Específicos.....	13
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	13
5. DISCUSSÃO E RESULTADOS.....	14
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS	20
ANEXO.....	23
I. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	23

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho insere-se na temática sobre a violência contra as mulheres na população brasileira. De acordo com o Mapa da Violência de 2015, a violência contra a mulher cresce fortemente na sociedade brasileira, onde o Brasil encontra-se na 5ª posição entre os países com maior índice de feminicídios, que é a morte violenta de mulheres pela condição de gênero (GOMES, 2018) - no ranking de 84 nações (WAISELFISZ, 2015).

Segundo Wolf e Waldow (2008), a Organização Mundial de Saúde (OMS) define violência como a imposição de um grau significativo de dor e sofrimento evitáveis. A violência contra a mulher abrange a violência física, sexual e/ou psicológica e, segundo a Convenção de Belém do Pará, “[...] inclui qualquer ato ou conduta baseada no gênero, causando morte, dano ou sofrimento de ordem física, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada” (Comitê Latino Americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher, 1996, p. 6).

Nesse sentido, a mulher experimenta não só um tipo de violência, mas várias associações, que comporta desde de agressões a abusos e, que podem ser cometidos por parceiros, ex parceiros, família, pessoas conhecidas ou estranhas (SCHRAIBER et. al, 2005). Em estudo sobre a invisibilidade das violências na Saúde Mental, Campos e Zanello (2016), demonstraram a expressividade dos índices de violências em um serviço de saúde mental, ou seja, em uma população de mulheres ativas de um serviço (169), 55 mulheres delas, sofreram violências ao longo da vida. Dessas, 26 apresentaram casos de violências associadas, com especificidade como “violência de gênero”.

A violência contra a mulher foi expressão adotada pelo movimento feminista há pouco mais de 20 anos, no entanto, a violência de gênero teve significado e expressão em consequência do trabalho do movimento de mulheres, o qual teve ampla atuação a partir da década de 70 (SHCRAIBER; D’OLIVEIRA,1999). A perspectiva de gênero considerada neste estudo, reconhece gênero como o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas (BUTLER, 2014).

Uma investigação sobre violência de gênero, constatou que ela mascara-se de “cuidado” e “proteção”, a partir de um comportamento de controle excessivo do agressor, possuindo assim uma ideia naturalizada entre elas e suas conjugalidades (PEDROSA; ZANELLO, 2016). Essa relação de poder do agressor sobre a mulher apresenta um impacto importante na sua saúde, de forma que os indicadores ainda são inespecíficos, tais como má saúde geral, má qualidade de vida e uso frequente dos serviços de saúde, sendo difíceis as mesmas relacionarem a violência sofrida com outras interseccionalidades de seu cotidiano

(MIRANDA; DE PAULA; BORDIN, 2010). Interseccionalidade esta que envolvem marcadores identitários como: raça, classe e gênero de acordo com a autora Kimberlé Crenshaw ao citar que tais marcadores são importantes ao analisar violência pois estes aumentam a vulnerabilidade e opressões para com estas mulheres (STEVENS et al, 2017).

Compreende-se ainda que as violências contra mulher tem como impacto direto no cotidiano das vítimas, como a perpetuação do medo, seja ele físico ou psíquico (TRIGUEIRO et al., 2017), bem como na instabilidade laboral, nos afazeres domésticos (MIRANDA; DE PAULA, BORDIN, 2010) e no cotidiano também dos familiares que presenciaram tal violência, como no caso dos filhos que acabam por ter maior prevalência de comportamentos agressivos, danos psíquicos, no desempenho escolar, etc (D'OLIVEIRA; SCHRAIBER, 2013).

Nesse sentido, este estudo teve como objetivo conhecer a relação entre violência e a quebra dos papéis ocupacionais de uma mulher usuária de um CAPS, especificamente no que tange aos papéis ocupacionais, tais como, maternidade, conjugalidades e vida laboral.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com a AOTA (AMERICAN OCCUPACIONAL THERAPY ASSOCIATION), papéis são um aglomerado de práticas esperadas pela cultura de uma denominada sociedade a um indivíduo ou grupo e ocupações são as atividades de vida diária, atividades instrumentais de vida diária, entre outras. Estar engajado na ocupação faz parte do bem estar (saúde) e na participação social (AOTA, 2008). Ocupação é um termo que está inserido ao nome da Terapia Ocupacional, o que denomina a profissão interligada a este termo, desde a história da profissão a formas de intervenção (CONSTANTINIDIS; CUNHA, 2016).

Para Kielhofner e Burke (1990) papel ocupacional trabalha como um roteiro que organiza o comportamento de um indivíduo ou grupo a partir do contexto do mesmo. Sendo este, fornecedor de orientação às pessoas para realizarem suas funções na sociedade de maneira compatível, seja essa função, estudante, mãe, trabalhadora, entre outras (BARRETT; KIELHOFNER, 2002). Assim como, para Willard e Spackman (2002) o papel ocupacional são papéis esperados para um sujeito de acordo com o meio social em que ele encontra-se inserido.

Papel ocupacional é aquilo que o define como sujeito, suas atividades de vida diária, como também suas relações sociais e seu contexto com o ambiente externo, é reconhecido

durante as trajetórias de vida sendo relacionados com o pessoal, seu contexto e com o coletivo; além disto, a sociedade demanda a efetivação e o sucesso nestes papéis ocupacionais para que o indivíduo sinta-se auto valorizado e a ruptura do mesmo pode ocasionar ao indivíduo uma diminuição na qualidade de vida, baixa autoestima, perda da rotina, entre outros prejuízos (BARROZO; NOBRE; MONTILHA, 2015).

O indivíduo capaz de realizar diversos papéis ocupacionais em seu cotidiano, e é através destes papéis que ele irá organizar seu tempo, construir suas identidades como indivíduo e como sociedade, as atividades em que ele irá desempenhar são norteadas a partir de seu papel ocupacional e, para um bom desempenho de todos seus papéis é necessário uma estabilidade com o ambiente, suas ocupações e a sociedade (BARROZO; DE CARLO; RICZ, 2014).

A Terapia Ocupacional está diretamente ligada com os papéis ocupacionais visto que esta profissão trabalha com o cotidiano e as ocupações do paciente/cliente/indivíduo, buscando a reabilitação e habilitação destes fatores quando necessário, contribuindo na qualidade de vida de na autonomia e independência do mesmo (AOTA, 2008). Além disto é papel da Terapia Ocupacional “[...]capacitar o indivíduo a readquirir, o desenvolver ou preservar as habilidades e papéis ocupacionais para manter seu bem estar [...]” (HAGERDON, 2003, p. 266).

O Modelo de Ocupação Humana, criado por Mary Reily, Gary Kielhofner tinham como apontamento a ocupação humana como um padrão de trabalho da Terapia Ocupacional, este modelo permite mostrar os papéis ocupacionais e suas disfunções (KIELHOFNER, 2002).

O início do papel ocupacional de um indivíduo começa pelo papel de brincar na Infância, em seguida pelo papel de estudante, papel de membro de uma família - no caso das mulheres na fase adulta podem exercer o papel da Maternidade, e de esposas, como também o papel de trabalhadora, dentre outros papéis efetivos na sociedade. Para um estudo de Oakley et al. (1987 apud CRUZ, 2012) existem dez papéis ocupacionais principais, são eles: trabalhador, estudante, voluntário, cuidador, mantenedor da casa, amigo, membro de família, religioso, amador e participante em organizações. Nesta pesquisa iremos focar em três papéis ocupacionais, o como mãe, esposa e trabalhadora.

3. OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL:

Conhecer a relação entre a violência e a quebra dos papéis ocupacionais de uma mulher usuária de um CAPS, ao longo de sua vida.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

1. Identificar os papéis ocupacionais rompidos ao longo da trajetória de vida da usuária;
2. Analisar a relação entre violência e papéis ocupacionais, tais como, maternidade, conjugalidades e vida laboral;

4. METODOLOGIA:

Tratou-se de um estudo de caso, com abordagem qualitativa (MINAYO, 2009), realizado com uma mulher que sofreu violência ao longo de sua vida. O estudo de caso é uma metodologia adequada e tem como característica um estudo empírico de poucos elementos de forma detalhada, sendo realizada uma investigação de um determinado contexto (GIL, 2008). O Estudo de Caso foi metodologia de pesquisa que adequou-se com este estudo, visto que o mesmo trata-se de um estudo profundo de um objeto ou mais objetos, dando a possibilidade de detalhamento dentro de seu contexto de realidade (GIL, 2008).

O cenário deste estudo foi o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS II) em uma capital brasileira. O CAPS é um serviço público de saúde mental, que acolhe pessoas em sofrimento psíquico de forma humanizada por equipe multiprofissional e interdisciplinar. As atividades ofertadas pela equipe do CAPS são diversas: acolhimento, atendimentos individuais, grupais, visitas domiciliares, acompanhamento psiquiátrico, etc.

O critério de escolha para o caso individual se deu em função de ser um caso exemplar acolhido pelo Serviço - segundo informações do prontuário, a usuária foi acolhida no ano de 2013, idade 46 anos, diagnóstico F. 33.3 (Depressão grave seguida de sintomas psicóticos), participava no CAPS nos grupos de Futebol, e do grupo “Amor à vida”. Na Anamnese Psiquiátrica, a usuária relatou alucinações visuais e auditivas durante o tratamento e ideações suicidas, sofreu um acidente de trabalho (serviços gerais) e na época, estava afastada pelo INSS, recebia o benefício, porém o mesmo foi cortado, deixando-a sem renda.

Apresentava interesse em retomar os estudos e ajudar outras mulheres que passam e ou passaram pela mesma situação que ela.

O procedimento de produção de dados foi por meio de uma entrevista semiestruturada, com roteiro prévio, no qual continha cinco questões semiestruturadas: Conte como foi sua chegada no CAPS e o que estava acontecendo na época?; Você já sofreu algum tipo de violência?; Como você reagiu e como se sente em relação a isto atualmente?; Você compreende esses acontecimentos como violência? Você acha que esses acontecimentos causaram danos a sua saúde mental?

A entrevista foi realizada após a leitura/explicação e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com duração de uma hora (1), a entrevista foi gravada e transcrita na íntegra. Todos os dados que nomeiam a instituição, profissionais e a entrevistada, foram devidamente retirados dos resultados e para a entrevistada foi adotado o nome fictício e identificada neste estudo como Dandara¹.

A pesquisa recebeu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Ceilândia, (FCE) da Universidade de Brasília, por meio do Protocolo nº3.004602 /2018.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da entrevista semi-estruturada foram definidos três papéis ocupacionais que sofreram maior ruptura a partir das violências sofridas por Dandara, foram estes: Maternidade, Conjugalidades e Vida Laboral.

Dandara, 46 anos, negra, nascida no dia 24/04/1972, natural da Paraíba, solteira, com três filhos (sendo uma filha assassinada há 2 anos), aposentada pelo INSS após um acidente no trabalho (atualmente está sem receber o benefício), era auxiliar de serviços gerais no DF, reside sozinha. Chegou ao CAPS em 2013, e reacolhida em 2016 após a morte da filha, a mesma apresentava problemas neurológicos convulsivos seguidos de desmaio desde a infância – onde desde este período até a sua vida adulta foi vítima de violência sexual, física, psicológica inúmeras vezes. Presenciou a mãe sendo violentada durante a infância e a filha sendo assassinada pelo genro. De acordo com a Anamnese psiquiátrica, a mesma possui depressão grave seguida de sintomas psicóticos; a usuária relatou alucinações visuais e auditivas durante o tratamento e ideações suicidas; Atualmente encontra-se impossibilitada de trabalhar por conta de perícia médica neurológica (sic).

¹ Este nome foi escolhido em homenagem a Dandara dos Palmares, guerreira negra do período colonial do Brasil, líder junto ao seu marido Zumbi dos Palmares que lutavam contra a escravidão.

Durante a infância de Dandara, é importante ressaltar uma vida precária, de baixa classe social no interior do nordeste, onde aos 9 anos de idade já trabalhava na fazenda para conseguir ajudar os pais no sustento da casa, além disso nesse trabalho escravo infantil Dandara era violentada sexualmente pelos funcionários, assim como outras crianças. Seus pais sabiam o que ela sofria, porém nada era feito, por conta disto sua relação com os mesmos era negligenciada, com pouco afeto e uma visão paterna repleta de violências tanto sob ela e seus irmãos. Os papéis ocupacionais de sua infância e juventude que deveriam perpassar no brincar e no estudo, foram quebrados pela violência do trabalho escravo infantil e por vulnerabilidades sociais.

- **Os Papéis Ocupacionais rompidos: maternidade, conjugalidades e vida laboral**

A maternidade encontra-se como um papel ocupacional socialmente construído como de extrema importância para as mulheres, como algo instintivo e natural (MOURA; ARAÚJO, 2004). Dandara teve seu primeiro papel de mãe ainda na adolescência, advindo de violências múltiplas (sexual, física e psicológicas) que sofreu de 4 homens desconhecidos, o que evidencia primeiramente o não planejamento para este papel ocupacional da maternidade, que foi imposto a mesma de uma forma traumática e em uma realidade não favorecida. De acordo com um estudo de Nunes et. al (2017) a maioria das violências sexuais cometidas por desconhecidos a mulheres tiveram como consequência a gravidez indesejada, como expressa Dandara:

“[...] essa minha filha foi de um estupro, 4 que me estropou [...] Eu tava sem força mais pra nada, então pra eles eu já tava morta mas eu num tava [...] agora você imagina o complexo que eu fiquei, que eu não saía de dia pra canto nenhum e de noite só se eu saísse de cavalo com tudo coberto pra ninguém me ver de vergonha [...] Eu tinha 16 anos nesse estupro aí.”

Dandara teve outros 2 filhos em um relacionamento conjugal, relacionamento este baseado em relações de poder e múltiplos tipos de violência, o que a fez separar-se do marido, fugindo para outro estado, enquanto ainda estava grávida de seu terceiro filho, deixando os outros com sua mãe. Percebe-se o quanto a violência doméstica e os sofrimentos psíquicos da mesma que sofreu influenciou neste rompimento do papel ocupacional de mãe e de proteção de seus filhos.

“[...]ficou com a minha mãe porque ela pediu pra ficar, ela viu que eu comecei a ficar violenta e eu disse pra ela que se acontecesse com meus filho ela podia ter certeza porque eu ia fazer o julgamento com minha mão[...] fui buscar os meus filho, você entende? Só que

chegou um meio que eu num tinha aonde ficar com meus filho [...] demonstrar pros meus filho, de botar as asas em cima dos meus filho pra proteger, pra eles não passar pelo que eu passei, você entende? E depois eu fiquei tão descontrolada que eu fiquei sem reconhecer nenhum dos meus filho [...] meu tio foi e levou meus filho pra minha mãe.”

Outro episódio foi presenciar o assassinato de sua filha mais velha, advindo de uma violência doméstica seguida de feminicídio, o sentimento de perda e de impunidade ocasionaram um sofrimento psíquico que a impediram até de cuidar de seus netos ocasionando mais uma vez quebra dupla do papel ocupacional materno de Dandara.

“[...] a cena que eu vi minha filha sendo esfaqueada várias vezes quantas facadas, vinte e sete facadas vi minha filha levar [...] eu não tiro essa imagem do meu pensamento de jeito nenhum[...] inda por vê tirando a vida da minha filha e eu num pudê fazer nada, inda ficou três neto ainda, você imagina três neto que não pode ficar comigo, não pode por causa que eu fico tremendo me dá aquele trem, me dá aquela agonia, me dá aquela fúria [...]”

As relações de poder para com a mulher impostas pela sociedade patriarcal estão diretamente relacionadas às violências contra a mulher (RUSSEL, 2006 apud GOMES, 2018), enraizada de forma ideológica e social. Esse senso comum das instituições sociais em que a mulher tem como papel principal a submissão ao homem, aos afazeres do lar e cuidado único e exclusivo ao marido e seus filhos, faz com que o machismo perpasse e se reproduza em nossa sociedade, implicando diretamente na naturalização do machismo e a misoginia (CHAVES, 2015).

A interligação entre seus papéis de mãe e esposa, transformam a dificuldade de sair de relacionamentos abusivos e violentos na conjugalidade ainda maior (PEDROSA; ZANELLO, 2016). A naturalização, a culpabilidade e a vergonha pelas violências sofridas ocasionam o não prestamento de queixas das agressões sofridas, a dependência, as submissões até mesmo como objeto sexual de seu agressor/parceiro íntimo (MONTEIRO; SOUZA, 2007 apud ZANCAN; WASSERMAN; LIMA, 2013), como no caso de Dandara.

“esse companheiro que eu arrumei [...] ele começou me deixar trancada dentro de casa, começou a me deixar trancada, ia trabalhar na roça quando chegava me batia muito e eu fazendo fogo de lenha e ele me batendo você entende? Ele, ele pegava eu por traz assim pra fazer sexo comigo a força.”

Dandara teve duas relações conjugais, a primeira com o pai de seus filhos, na qual precisou fugir do agressor para outro estado com a ajuda de uma vizinha pois não teve o apoio familiar e a segunda após alguns anos em que também foi necessário fugir do agressor, as duas relações ocasionaram a mesma vários sofrimentos como ideações suicidas e episódios de vulnerabilidade social, como, viver em situação de rua sem apoio social/familiar e sem

emprego, tendo apenas o CAPS como serviço de apoio. Dandara relata ter ficado inúmeras vezes em cárcere privado pelos agressores, seguidos de violências múltiplas, a única diferença entre os dois era a não violência sexual do segundo relacionamento.

“esse companheiro que eu arrumei [...] Chegava de madrugada, chegava a hora que ele chegasse já podia ter certeza, eu gravei, eu gravei ele dizendo “vou pegar uma escopeta, vou atirar tanto dentro da sua boca, viu [...] pegava a comida e jogava no lixo, a comida prontinha, fresquinha que eu fazia, eu chorava [...] eu pensava só em me matar.”

“quando cheguei em Brasília arrumei outro companheiro no trabalho, no trabalho aonde ainda fazia pior ainda do que o pai dos meus três filho comigo [...] Oito dia pra mim fugir dele ,também sai de dentro de casa sem falar nada pra ele, no hospital [...] fiquei lá sentada todo dia, aí pense você querendo tomar um banho, querendo dormir e não ter uma cama pra você dormir, eu tomava duas veze por semana só meu alimento e era uma sopa e um pão quando o pessoal da igreja ia dar [...] Ele num sabe nem aonde que eu to porque se ele soubesse ele já tinha era me matado.”

“Eu queria saber assim porque que ele fazia tudo isso comigo e se ele me pegar na rua ele faz de novo, porque ele não sabe onde eu tô, ele tá solto e eu? E eu? Não tenho onde ficar, não tenho onde morar, não tenho onde me alimentar, você entende?”

Após as relações conjugais repletas de violências, a não presença do afeto e a falta uma relação amorosa com seus ex parceiros íntimos/agressores foram fatores agravantes para a dificuldade de Dandara em obter novas relações afetivas, expressa na fala:

“eu ando assim eu penso que é alguém que tem duas três pessoa querendo me segurar, querendo me pegar, querendo me estrupar, você ta me entendendo? Querendo me segurar a força, se um homem olhar pra mim eu já to imaginando que ele ta me perseguindo[...].”

Ao falar de trabalho ou vida laboral, é necessário explicitar que o trabalho tem ligação com o ser social, e é no trabalho em que o ser humano consegue sua autorrealização, havendo a relação entre social e natureza (CHAVES, 2012). Porém para Dandara o papel ocupacional da vida laboral veio com a expropriação do cuidado e do seu próprio corpo - pois sofria violência sexual neste ambiente - ainda na infância precisou submeter-se ao trabalho como forma de sobrevivência, no ideal de exploração infantil, em que não recebia remuneração financeira, somente em troca de moradia e comida.

“eu com 9 ano de idade eu não sei o que é uma boneca[...] trabalhava na fazenda o fazendeiro estrupava as menina, 3, era eu e mais duas[...] quando ia receber dinheiro ele dizia que não tinha dinheiro pra pagar que a gente tinha pegado alimento pra se alimentar que a gente morava na casa das fazenda deles, aplantando.”

A precarização do trabalho feminino é ainda maior que a dos homens, socialmente fundido através das crises mundiais, as questões de gênero, etnia e raça (HIRATA 2010 apud DUTRA, 2017), bem como nas relações do poder patriarcal. Dandara sempre trabalhou de forma marcada pela domesticidade, não conseguiu concluir seus estudos, e sua vida adulta perpassou por empregos vulneráveis e precários.

“[...] trabalhava primeiro batendo produto em motor de ônibus, trabalhava como serviço gerais, depois me deram um cargo pra encarregada de limpeza pra mim tomar a responsabilidade dos funcionários e eu comecei nessa outra função como encarregada de limpeza”

Após e durante os episódios de violência, a vida laboral de Dandara começou a ficar prejudicada, passou também por um acidente no trabalho em que ficou afastada por um longo período sem receber benefício em grande parte dele. O impedimento de trabalhar de acordo com exames neurológicos (sic) e o não recebimento de auxílio doença acaba por mais uma vez em quebrar um papel ocupacional de trabalhadora, visto que este não é o desejo de Dandara. Para Castel (1994) a vulnerabilidade social está diretamente ligada com a atividade laboral de um indivíduo, ou seja, a precarização nesse papel ou a interrupção do mesmo coloca o sujeito em vulnerabilidade social.

“Não tenho onde ficar, não tenho onde morar, não tenho onde me alimentar, você entende? (choro) então uma pessoa que...sempre fui trabalhadeira, sofri um acidente de trabalho to encostada trabalhando faz 6 anos (chorando), é...o médico de perito não me libera pra trabalhar, pro perito eu não tenho condição de trabalhar [...] “ não é isso que eu quero na minha vida aposentar, não é isso” mas a médica mesmo falou “a senhora não tem condição de voltar pra sociedade” como eu que administrava funcionário, então não to na condição de administrar funcionário.”

Estudar é um papel ocupacional que Dandara não teve a oportunidade de realizá-lo, devido aos inúmeros fatores de violências sofridas, o sofrimento psíquico, dentre outros fatores que a impediram. Porém continua sendo o seu maior desejo ocupacional, a volição em estudar e ajudar pessoas a não passar pelo o que ela passou, empoderar mulheres vítimas de violências, para não naturalizarem estas, e que isso não atrapalhem o cotidiano e os papéis ocupacionais das mesmas, entretanto os transtornos psicológicos advindos dos seus múltiplos sofrimentos a impedem de realizar as ocupações desejadas.

“o meu desejo é passar pras outras mulheres mas isso eu não dou conta ainda [...] eu to com um trauma muito forte ainda dentro de mim, o forte, crise de nervo, aquela ansiedade sabe [...] eu tenho certeza que se eu não tivesse passado por isso tudo, eu não, não. não era assim da forma que eu to hoje, não era! por que isso não sai da minha mente, os estupro mais ainda [...] o meu sonho é estudar, o meu sonho é ir na Paraíba, e ensinar praquelas pessoas que num sabe escrever uma letra “a” e defender aquelas que são violentadas, e defender aquelas que apanham calada, e defender aquelas crianças que são abusada por pai, que até hoje acontece, minha vontade é estudar, crescer, e passar carinho e passar pra eles e pra elas que não deve ficar caladas, que tem que denunciar sim [...]”

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência contra a mulher causa danos diretos na saúde da vítima e dos que as presenciaram, seja estes danos físicos e/ou psicológicos. A partir dos relatos apresentados neste estudo de caso, as violências de gênero sofridas por Dandara durante sua trajetória de vida indicam a relação as rupturas diversas nos seus papéis ocupacionais, principalmente de maternagem, conjugalidades e vida laboral, seja pela expropriação desses papéis, como também pela não oportunidade ou aptidão para realizá-los. Além disto, o sofrimento psíquico encontra-se como a maior seqüela advinda das violências que ela sofreu, bem como a dificuldade em construir relações afetivas e o medo que a cerca até os dias atuais.

O CAPS tem como perspectiva o cuidado à saúde, a partir da inclusão social, de acolhimento, rede de suporte, orientação e melhoria das condições de vida dos indivíduos com transtornos mentais (LEÃO; SALLES, 2016), a utilização de grupos terapêuticos - intensificando as trocas dialógicas, partilhando trocas de experiências e no progresso da adequação do modo de vida individual e coletivo (BENEVIDES et al, 2010), como os grupos de empoderamento feminino, de geração de renda, entre outros, que podem ser coordenados ou mediados pelo Terapeuta Ocupacional (LEÃO; SALLES, 2016).

A Terapia Ocupacional têm como um de seus meios de atuação, a intervenção com indivíduos em situação de vulnerabilidade social, através do acolhimento, na mediação de conflitos, na (re)organização da sua vida cotidiana, no fortalecimento as redes de suporte, ressignificação dos seus papéis ocupacionais, dentre outras intervenções aos eixos de saúde mental, social, laboral, dentre outras (CHAGAS et al, 2015). Sendo assim, um profissional de extrema importância interventiva junto às vítimas de violência doméstica.

REFERÊNCIAS

AOTA. Occupational Therapy Practice. Framework: Domain e Process. 2. ed. The American **Journal Occupational Therapy**, v. 63, n. 6, p. 625-683. nov/ dez, 2008.

BARRETT, L.; KIELHOFNER, G. Teorias Derivadas de Perspectivas do Comportamento Ocupacional. In: NEISTADT, M.E. e CREPEAU, E.B. (Org.) **Willard & Spakman – Terapia Ocupacional** (9 ed.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. p. 488-497, 2002

BARROZO, B.; DE CARLO, M.; RICZ, H. Os papéis ocupacionais de pessoas com câncer de cabeça e pescoço. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 25, n. 3, p. 255-263, 19 dez. 2014.

BARROZO B., NOBRE M., MONTILHA R. As alterações nos papéis ocupacionais de cuidadores de pessoas com deficiência visual. **Rev Ter Ocup Univ São Paulo**. 2015.

BENEVIDES, D.S. et al . Cuidado em saúde mental por meio de grupos terapêuticos de um hospital-dia: perspectivas dos trabalhadores de saúde. **Interface (Botucatu)**, Botucatu , v. 14, n. 32, p. 127-138, Mar. 2010 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832010000100011&lng=en&nrm=iso>.

BUTLER, J. (2014). Regulações de gênero. **Cadernos Pagu**, n. 42, p. 249-274. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n42/0104-8333-cpa-42-00249.pdf>>. Acesso em: 10 Out. 2018.

CAMPOS, I.; ZANELLO, V. Saúde mental e gênero: o sofrimento psíquico e a invisibilidade das violências mental health and gender: psychological distress and invisibility of violences. **Vivência: Revista de Antropologia**, v. 1, n. 48, p. 105-117, 7 mar. 2017.

CASTEL, R. Da indigência á exclusão, a desfiliação – precariedade do trabalho e vulnerabilidade relacional. In: LACETTI, A. **Saúde e loucura. Grupos e coletivos**. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 21-48.

CHAGAS, et al. Terapia Ocupacional na Assistência Social. Ed. 2, Rio de Janeiro, CREFITO2, 2015.

CHAVES, F. N. “A mídia, a naturalização do machismo e a necessidade da educação em direitos humanos para comunicadores”. In: XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte – **Intercom**, 14, Manaus, 2015.

CHAVES, J.C. A relação entre a positividade do trabalho e a submissão do indivíduo à realidade: elementos para a reflexão da Psicologia. **Cad. psicol. soc. trab.**, São Paulo , v. 15, n. 1, p. 33-48, jun. 2012 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172012000100004&lng=pt&nrm=iso>.

COMITÊ LATINO AMERICANO E DO CARIBE PARA A DEFESA DOS DIREITOS DA MULHER. Instituto para Promoção da Equidade, Assessoria, Pesquisa e Estudos. *Convenção*

Interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher, 'Convenção Belém do Pará'. São Paulo: KMG, 1996.

CONSTANTINIDIS, T. C.; CUNHA, A. C. Desinstitucionalizando conceitos: A terapia ocupacional em busca de um (novo) lugar no cenário da saúde mental. In: Matsukura, T.S.; Salles, M.M. (Eds.), *Cotidiano, atividade humana e ocupação. Perspectivas da terapia ocupacional no campo da saúde mental*. **Editora da Universidade Federal de São Carlos** São Carlos, SP, p. 37-59, 2016.

CRUZ, D.M.C. Papéis Ocupacionais e pessoas com deficiências físicas: independência, tecnologia assistiva e poder aquisitivo. 2012. 230 p. Tese (Doutorado em educação especial) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

D'OLIVEIRA A.F.P.L., SCHRAIBER L.B. Mulheres em situação de violência: entre rotas críticas e redes intersetoriais de atenção. **Rev. Med.**, São Paulo, p. 140, 2013. Disponível em <<https://doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v92i2p134-140>>.

DUTRA, D. Mulheres migrantes, trabalhadoras domésticas: vulnerabilidades e violências. In: Cristina Stevens; Susane Oliveira; Valeska Zanello; Edlene Silva; Cristiane Portela. (Org.). **Mulheres e violências: interseccionalidades**. 1ed.Brasília: TECHNOPOLITIK, v. 1, p. 339-354, 2017.

SCHRAIBER, L.B. et al. Violência dói e não é direito. A violência contra a mulher, a saúde e os direitos humanos. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

SCHRAIBER, L. B., D'OLIVEIRA, A. F. L. P. Violence against women: interfaces with Health care, **Interface _ Comunicação, Saúde, Educação**, v.3 , n.5, 1999.

GOMES, I.S. Femicídios: um longo debate. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis , v. 26, n. 2, e39651, 2018 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2018000200201&lng=pt&nrm=iso>.

GIL, A.C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6 ed. São Paulo, **Atlas**, 2008.

HAGERDON, R., Fundamentos para a prática da terapia ocupacional. 3 ed.Vagner Raso, São Paulo: Roca, 2003.

KIELHOFNER, G. & BURKE, J. Modelo da ocupação humana: parte I. **Revista de Terapia Ocupacional da USP**, v.1, n. 1, p. 55-67, ago/1990.

KIELHOFNER, G. Model of human occupation-theory and application. 3° ed, Baltimore, Williams & Wilkins, 2002.

LEÃO, A.; SALLES, M.M., COTIDIANO, REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL E TERRITÓRIO: reflexões no campo da terapia ocupacional. In: Matsukura, T.S.; Salles, M.M. (Eds.), *Cotidiano, atividade humana e ocupação. Perspectivas da terapia ocupacional no campo da saúde mental*. **Editora da Universidade Federal de São Carlos** São Carlos, SP, p. 37-59, 2016.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. Pesquisa social, teoria, método e criatividade. **Vozes**, Petrópolis, 2009.

MIRANDA, M.P.M, DE PAULA C.S., BORDIN I.A. Violência conjugal física contra a mulher na vida: prevalência e impacto imediato na saúde, trabalho e família. **Rev Panam Salud Publica**. 2010;27(4):300–8.

MOURA, S.M.S.R., ARAÚJO, M.F., A maternidade na história e a História dos Cuidados Maternos. *Psic. Ciênc. e Prof.* 24 (1), 44-55, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v24n1/v24n1a06>>.

NUNES, M.C.A.; LIMA, R.F.F; MORAIS, N.A. Violência Sexual contra Mulheres: um Estudo Comparativo entre Vítimas Adolescentes e Adultas. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 37, n. 4, p. 956-969, dez. 2017 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932017000400956&lng=pt&nrm=iso>

PEDROSA, M.; ZANELLO, V. (In)visibilidade da violência contra as mulheres na saúde mental. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32, p. 1–8, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722016000500213&script=sci_abstract&tlng=pt>

STEVENS, C. et al., (Org.). **Mulheres e violências: interseccionalidades**. 1ed.Brasília: TECHNOLITIK, , v. 1, p. 626, 2017.

TRIGUEIRO, T.H. et al . Psychological suffering in the daily lives of women who have experienced sexual violence: a phenomenological study. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, e20160282, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452017000300204&lng=en&nrm=iso>.

WAISELFISZ, J. J. Mortes Matadas por Arma de Fogo: **Mapa da Violência 2015**. Brasil, 2015. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf>.

WOLF, L.R.; WALDOW, V.R. Violência consentida: mulheres em trabalho de parto e parto. **Saude soc.**, São Paulo , v. 17, n. 3, p. 138-151, Sept. 2008 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902008000300014&lng=en&nrm=iso>.

WILLARD H.S., SPACKMAN, C.S. (ORG.). Terapia Ocupacional Rio de Janeiro (R.J): **Guanabara Koogan**, 2002.

ZANCAN, N.; WASSERMANN, V.; LIMA, G.Q. A violência doméstica a partir do discurso de mulheres agredidas. **Pensando fam.**, Porto Alegre , v. 17, n. 1, p. 63-76, jul. 2013 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2013000100007&lng=pt&nrm=iso>.

ANEXOS:

I. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE):

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidada a participar da pesquisa O significado da violência para mulheres usuárias de um serviço de Saúde Mental, de responsabilidade de Joyce da Silva Nascimento, aluna de Terapia Ocupacional da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é identificar o significado das violências vivenciadas pelas mulheres usuárias de um serviço de saúde mental, apontando em suas trajetórias de vida, a relação entre saúde mental e o processo de enfrentamento e superação das violências submetidas pelas usuárias/ex-usuárias do Centros de Atenção Psicossocial II de Taguatinga. Assim, gostaria de consultá-la sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa. Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e asseguro-lhe que o seu nome não será divulgado, sendo mantido em sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-la. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa. A coleta de dados será realizada por meio de uma entrevista, que ocorrerá no CAPSII de acordo com sua disponibilidade, com duração variável de 1h a 2h, em uma sala reservada para tal no CAPS, na qual permanecerão apenas o entrevistador e entrevistada. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco. Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você poderá me contatar através do telefone (61) 982266891 ou pelo e-mail joycedasnascimento@gmail.com. Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela pesquisa e a outra com a senhora.

Brasília, 22 de março de 2018.

Assinatura da participante

Cláudia Nete Monteiro de Lima

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Joyce da Silva Nascimento